

RESUMO EXPANDIDO ESTRUTURADO - EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM
SAÚDE – METODOLOGIAS INOVADORAS, ENSINO INTERPROFISSIONAL,
EXTENSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

**FONOAUDIOLOGIA NA ONCOLOGIA: IMPACTOS, INTERVENÇÕES E
HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO**

Rychardson Bruno Correia (rychardson199@gmail.com)

Márcia Rejane Freire De Oliveira (marciafreoli@gmail.com)

Tayronne De Almeida Rodrigues (tayronnealmeid@gmail.com)

João Leandro Neto (joaoleandro@gmail.com)

Fonoaudiologia na Oncologia: Impactos, Intervenções e Humanização do Cuidado

Introdução

A Fonoaudiologia aplicada à Oncologia tem se consolidado como campo de estudo e prática clínica voltado à reabilitação de funções vitais relacionadas à comunicação, fala e deglutição. Pacientes acometidos por neoplasias, principalmente na região de cabeça e pescoço, enfrentam limitações que interferem em aspectos biológicos, psicológicos e sociais da existência. Cirurgias, radioterapia e quimioterapia alteram estruturas do trato aerodigestivo e exigem reestruturação funcional conduzida por profissionais especializados.

Nesse contexto, torna-se necessário compreender como a atuação fonoaudiológica pode intervir na reabilitação funcional e no cuidado humanizado de pessoas em tratamento oncológico. O objetivo consiste em analisar estratégias terapêuticas e práticas clínicas da Fonoaudiologia em Oncologia, com ênfase na reabilitação e na ética do cuidado, integrando evidências científicas contemporâneas sobre o tema.

Metodologia

O estudo segue natureza qualitativa e descritiva, estruturado por revisão integrativa da literatura. A pesquisa foi realizada nas bases SciELO, PubMed, LILACS e Redalyc, entre os anos de 2015 e 2025. Utilizaram-se os descritores “Fonoaudiologia”, “Oncologia”, “Cuidados Paliativos”, “Disfagia” e “Reabilitação Funcional”.

Foram incluídos artigos e documentos técnicos que abordam a atuação fonoaudiológica em pacientes com câncer de cabeça e pescoço e em cuidados paliativos. Excluíram-se publicações sem dados clínicos, revisões narrativas e textos sem fundamentação científica verificável. Após triagem, dezessete estudos preencheram os critérios de inclusão. O exame do material seguiu leitura analítica e categorização temática, distribuída nos seguintes eixos: (1) avaliação funcional, (2) intervenções terapêuticas, (3) cuidado paliativo e (4) desafios éticos e sociais do exercício profissional.

A metodologia empregada respeitou critérios éticos e não envolveu coleta de dados com seres humanos, sendo dispensada de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados e Discussão

A literatura recente reconhece a importância da atuação fonoaudiológica em fases iniciais do tratamento oncológico. Rossi, Moraes e Molento (2021), em estudo publicado no *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*, indicam que a avaliação da deglutição é etapa decisiva para o planejamento clínico. O diagnóstico funcional precoce possibilita adequar condutas terapêuticas às condições anatômicas e fisiológicas do paciente.

Larré et al. (2020) analisaram prontuários de pacientes com disfagia decorrente de neoplasias e constataram evolução favorável nos níveis de ingestão oral após reabilitação baseada em escalas funcionais, como a Functional Oral

Intake Scale. Rocha et al. (2025) investigaram o risco de disfagia em indivíduos submetidos a diferentes terapias antineoplásicas e identificaram comprometimento da via oral mesmo em tumores fora da região de cabeça e pescoço, o que reforça a amplitude das implicações clínicas para a Fonoaudiologia.

A precisão na avaliação fonoaudiológica depende de exames complementares, como videofluoroscopia, nasofibrolaringoscopia e biofeedback ultrassonográfico, que permitem observar a mecânica da deglutição e o comportamento dos músculos envolvidos. Esses instrumentos técnicos possibilitam identificar padrões compensatórios e estabelecer metas terapêuticas mensuráveis.

As terapias antineoplásicas afetam tecidos musculares e nervosos responsáveis por fala, mastigação e deglutição. A atuação fonoaudiológica nesse contexto requer conhecimento das alterações estruturais e dos impactos sobre o sistema estomatognático. Em estudo clínico apresentado na Universidade Estadual de Campinas, verificou-se que o uso de técnicas como crioalongamento e massoterapia facial auxilia na redução de trismo e fibrose pós-radioterápica, contribuindo para maior amplitude de movimento da mandíbula e adaptação alimentar.

Nos casos de laringectomia total, o processo de reabilitação envolve reeducação da comunicação oral por meio de recursos como voz esofágica, prótese traqueoesofágica e laringe eletrônica. A escolha do método depende do perfil anatômico e psicológico do paciente, exigindo treinamento progressivo e apoio psicossocial. A atuação do fonoaudiólogo se estende à orientação familiar, pois o sucesso terapêutico requer ambiente de acolhimento e incentivo à comunicação.

A literatura especializada evidencia que, nas fases paliativas, a Fonoaudiologia assume função de suporte comunicativo e alimentar. A revisão integrativa publicada na Revista Kairós (PUC-SP, 2021) analisou experiências clínicas e concluiu que o foco do cuidado deve recair sobre o conforto e a manutenção das funções vitais relacionadas à comunicação e deglutição, respeitando desejos e limites do paciente.

O estudo de Santos et al. (2025), veiculado pela FOCO Publicações, observou que o atendimento fonoaudiológico em cuidados paliativos reduz desconfortos orais e restabelece interações familiares. O artigo “Atendimento fonoaudiológico para pacientes em cuidados paliativos”, disponível no portal

Redalyc, documenta a atuação de profissionais que mantiveram via oral funcional em mais de metade dos pacientes internados, por meio de ajustes na consistência alimentar e manobras compensatórias.

A Resolução nº 633/2021 do Conselho Federal de Fonoaudiologia determina diretrizes éticas para essa prática, assegurando autonomia ao paciente e integração da Fonoaudiologia às equipes multiprofissionais. Esse documento estabelece que o fonoaudiólogo deve avaliar riscos, orientar familiares e planejar condutas que preservem conforto e dignidade, considerando valores culturais e espirituais do paciente.

Lopes e França (2024), na Revista Bioética, discutem os dilemas morais que permeiam a atuação fonoaudiológica em fim de vida, ressaltando a importância da deliberação compartilhada entre profissionais e familiares. A ética do cuidado emerge como componente essencial do processo terapêutico, assegurando respeito à vontade do indivíduo e coerência com os princípios da beneficência e da autonomia.

A literatura evidencia desigualdade no acesso aos serviços de reabilitação fonoaudiológica, especialmente em contextos municipais de baixa cobertura assistencial. Estudos publicados em periódicos da área apontam carência de programas públicos voltados à reabilitação oncológica. Essa lacuna reforça a necessidade de políticas que incorporem o fonoaudiólogo às equipes de atenção primária e aos centros de referência oncológica.

A pesquisa “Percepção de fonoaudiólogos sobre atuação em cuidados paliativos”, indexada no Redalyc, identificou que muitos profissionais percebem subvalorização institucional de seu trabalho e reconhecem a urgência de formação específica para lidar com demandas emocionais complexas. Esses resultados convergem com a análise de Calheiros e Albuquerque (2012), na Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto, que abordou a inserção da Fonoaudiologia em equipes hospitalares e evidenciou a necessidade de capacitação contínua.

O artigo “Valores e crenças relacionados à alimentação oral em cuidados paliativos”, publicado pela Revista Brasileira de Cancerologia, apresenta que a alimentação ultrapassa a dimensão fisiológica, assumindo significado simbólico ligado à convivência e à manutenção da identidade. A atuação fonoaudiológica deve, portanto, reconhecer o valor social da alimentação e adequar as condutas clínicas às preferências e crenças do paciente.

Considerações Finais

A análise da produção científica confirma que a Fonoaudiologia em Oncologia ocupa lugar indispensável no cuidado integral de pessoas com câncer de cabeça e pescoço. As intervenções precoces, a utilização de exames complementares e o acompanhamento contínuo ampliam as possibilidades de recuperação funcional e melhoram o convívio social e familiar dos pacientes.

Nos cuidados paliativos, o fonoaudiólogo assume responsabilidade ética de garantir comunicação e alimentação seguras, respeitando a individualidade de cada pessoa. A formação acadêmica deve incluir conteúdos específicos sobre oncologia e terminalidade, de modo a preparar profissionais para situações complexas que envolvem sofrimento, decisão terapêutica e limites da intervenção clínica.

A consolidação da Fonoaudiologia Oncológica depende de políticas públicas de inclusão e financiamento, integração das equipes multiprofissionais e estímulo à pesquisa aplicada. O fortalecimento dessa área reflete compromisso com a dignidade humana e com a valorização da comunicação como dimensão essencial da vida.

Palavras-chave: disfagia; cuidados paliativos; reabilitação funcional; ética do cuidado; comunicação terapêutica.